



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Há dias, falando ao *Jornal do Brasil*, o Governador Leonel Brizola foi mais ousado do que o normal e afirmou: "Chego a pensar que será possível questionar tudo, vencer por fora e ainda fazer maioria". Aos 72 anos de idade, com o título inigualado de três vezes governador eleito pelo voto direto em dois estados diferentes, candidato a presidente da República e se preparando para nova campanha. Leonel Brizola tem o direito de dizer o que quiser. Conquistou este direito, com a vida de incríveis peripécias. O que não faltou na vida de Brizola foi movimento, foi ação, foi convicção.

É lógico que Leonel Brizola pode ser questionado, discutido, até mesmo polemizado ou negado. Mas ninguém pode negar que ele, como ninguém, pode dizer repetindo o apóstolo Paulo: "Lutei sempre o bom combate". Consolidador do cristianismo, chamado de panfletário, o apóstolo Paulo explicou toda sua ação apenas com uma frase. Brizola pode dizer o mesmo, e aí ninguém poderá contestá-lo. Pois veio de longe, não recebeu nada de ninguém, suas conquistas foram sempre sofridas, duras, obtidas com as mais terríveis lutas. Nada caiu do céu para este gaúcho de 72 anos, que vai disputar a sucessão presidencial com muito mais credencial do que os adversários.

(...)

- PS-1** - Brizola pode repetir como Bernard Shaw, socialista antes de teatrólogo: "Posso garantir que paguei o preço exigido pelo meu direito de dizer a verdade. Ou o que eu pensei que fosse a verdade".
- PS-2** - Brizola se mostra lúcido e sem medo de nada, quando afirma: "O Brasil é um barco que está fazendo água, e não pode ser conduzido por um marinheiro de primeira viagem". Aí, com a mesma determinação de sempre, Brizola atinge a todos que estão no seu caminho, principalmente Lula e Fernando Henrique.
- PS-3** - Quando era moço, Brizola sempre era acusado de caudilho. Agora, sabem que o que chamavam de caudilhos, pode e deve ser identificado como carisma. Pois ninguém fica 50 anos na crista da onda, se não tiver carisma.
- PS-4** - E Brizola não faz concessão. Quando dava impressão de que chegaria à Presidência com 40 anos de idade, assustava aos que pensavam que ele só deixaria o poder com 80 anos. Agora, 5 anos bastam para que ele revolucione este País, que está sempre caminhando na contramão.
- PS-5** - O próprio Brizola reconheceu que perdeu de 1989, que cometeu erros na campanha. Os principais: a falta de fixação em São Paulo e Minas Gerais, os dois maiores colégios eleitorais do País. Agora, está atento, ele mesmo diz que não repetirá o que fez em 1989.
- PS-6** - Se ninguém tem a sua experiência administrativa, a sua resistência ao sofrimento, a sua obstinação, também não tem a sua capacidade de fazer campanha. Principalmente agora que a legislação acabou com a sofisticação, colocou frente a frente os candidatos e o cidadão-contribuinte-eleitor.
- PS-7** - Brizola está atingindo a suprema serenidade. Ele sabe que estão blefando quando falam em acordos e mais acordos. Como as eleições estaduais dependerão da eleição presidencial, e vice versa, acordo só no segundo turno. E Brizola sabe que podem fazer todos os malabarismos, menos excluí-lo do segundo turno.
- PS-8** - Brizola não se intimida com ninguém. E também não pretende poupar ninguém. Entre ele e os adversários, está o legítimo interesse nacional. E este interesse nacional, o crescimento deste país-potência, não se mede em URV, nem se esconde simplesmente atrás da ignorância.
- PS-9** - Aos 72 anos, Brizola quer ser presidente para fazer. Amadurecido pela própria luta, pode dizer como Neruda: "Confesso que vivi". Só que Brizola está em plena atividade.

Hélio Fernandes, jornalista e polemista.

Publicado na Tribuna da Imprensa de 8 de março de 1994.



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Em comemoração ao centenário de seu nascimento, neste 22 de janeiro de 2022, o MAPI, com intuito de colaborar com a reflexão de todos os pedetistas, brizolistas e nacionalistas, elaborou uma breve mostra do amplo e disseminado pensamento humanista deste que foi o maior ente político surgido no pós-guerra, em nosso País.

Brizola definia-se um empírico, talvez por ter percorrido toda sua trajetória de vida centrada na experimentação, no ineditismo de suas ações - algumas ousadas: primeiro a encampar uma empresa multinacional; primeiro político a usar pesquisa. Entretanto, sua formação humanística teve uma base que se pode definir como sólida, a se deitar análise em sua entrevista a *O Globo*, em 19 de setembro de 2000:

(...) Bom, aí, eu acabei tomando um outro caminho.

Este ambiente para onde eu fui era inteiramente laico: a biblioteca era laica. Tinha de tudo. E tinha sempre um núcleo, que aquilo vinha do passado: aquele núcleo intelectual ali dentro...

Jornalista: Entre alunos?...

...Entre os alunos!

E aluno que quisesse se honrar de ter sido daquela escola tinha que ler todos os livros da biblioteca. Todos! Até as revistas: a coleção de revistas tinha que folhear. [O governador recorda em voz alta...] As revista... antigas... espanholas...

Jornalista: Isto já é em Porto Alegre, não é?

Em Porto Alegre.

Bom, a natureza da biblioteca tendia mais para o positivismo. Era comtista. Porque aquilo era uma escola que fazia parte de um conjunto de escolas...

Eles [os mascates] ouviram falar em escola de engenharia, mas aquilo ali eram escolas técnicas, que depois se chegava à engenharia civil e agronomia (cursos superiores). A Universidade do Rio Grande do Sul teve este nascimento.

Bom, eu ali já lia algumas coisas - compreendeu? Alguma literatura relacionada com outras interpretações sobre a vida de Cristo, que me fascinava muito. Historiadores independentes: César Cantu [Cesare Cantú] e outros, compreendeu? Independentes. Analisavam o Império Romano com grande dureza. E Cristo surgia ali como um rebelde. E dava aquela estruturação toda.

E aquilo eu fui... avaliando, e eu fui assim assumindo um pensamento mais aberto, primeiro (ou mais independente, não é?), até chegar a uma concepção assim republicana.

Nestas 12 páginas seguintes, textos escritos ou falados por Brizola ("escreva o que estou falando") podem explicar - ou indicar caminhos para uma pesquisa - alguns temas que, aparentemente, são entendidos como tabus; mas não passam de interpretações mal explicadas ou incompletas.

Pelo menos é o que se pode depreender de suas palavras em uma conversa descontraída, antes de o início de uma entrevista à revista *Caros Amigos*, em 7 de agosto de 2000:

Jornalista: Isso é demorado. Olha quanta gente para perguntar aqui...

Não... Mas eu sei. Sabe que eu não... Vocês vão ter uma decepção: não faço história. Eu tenho uma resistência em fazer história; porque eu tenho uma impressão que aí já estou vivendo no passado. E eu não estou... Eu estou com os meus projetos, entendeu? Eu estou vivendo no futuro.

Jornalista: Mas os jovens que lêem a revista talvez não saibam da sua história...

Mas isso eu deixo para os outros investiguem*; que façam pesquisas, não é verdade? Às vezes me vem assim numa coisa que eu revelo, na circunstância ali. Mas eu tenho também a má impressão de que eu estou agarrando um boné, já estou indo embora. Então, essa história de memórias... [dá um leve sorriso] ...então eu tenho uma resistência total. A impressão que tenho é que estou agarrando...

(*) Esta investigação é uma tarefa que cabe a cada um de nós - seus discípulos.

Direção Executiva do MAPI-PDT



Leonel Brizola de A a Z

Alberto Pasqualini

(...) Depois, fomos crescendo. Atraímos o Pasqualini. E fizemos as eleições para a constituinte estadual, dali a um ano, e a eleição para governador. Candidatamos o Pasqualini e o partido cresceu! Nós, que tínhamos um deputado federal, fizemos 23 deputados estaduais, numa Assembleia de 55. E perdemos as eleições, com o Pasqualini, por uma pequeníssima diferença. Mas o partido estava organizado, surgia no Rio Grande do Sul. Como surgia por toda parte do Brasil. Assim surgiu o nosso partido. (25 de maio de 2000)

Quer dizer: o Trabalhismo é um pouco essa história – de Getúlio Vargas, de João Goulart, de Pasqualini, da minha. Não que... Sabe? Pela natureza do movimento. O Trabalhismo é um movimento de massa. Não é um movimento de quadros. Então, ele está muito ligado a lideranças. O primeiro líder foi Getúlio Vargas. Depois, o João Goulart. Pasqualini foi o ideólogo. (19 de setembro de 2000)



Brasil Profundo

Eu vim de lá. Eu vim de um lugar chamado *Brasil Profundo*, onde ninguém registrava os filhos, onde não havia um médico: havia um curandeiro; não havia professores. Não havia nada! Onde as crianças somente nasciam pelas mãos das parteiras práticas: alguma camponesa; muitas delas camponesas negras. O crédito: elas é que nos faziam nascer. Eu nasci pelas mãos de uma que se chamava Joana. Ela vinha a cavalo, duas semanas antes, mais ou menos, do parto. Ela aparecia lá e lá ficava. Era uma região assim. Quer dizer: este Brasil Profundo de onde vim teve, mesmo com todos estes anos (com os 80 do Brizola) continua lá assim... (4 de fevereiro de 2002)

Carter, Jimmy

Vocês pensam que eu tenho uma reação contra os Estados Unidos? Não. Pelo contrário: tenho grande admiração por aquele povo. De grandes virtudes. Para mim, nos Estados Unidos, o típico é o Carter, o Presidente Carter. Eu o conheço pessoalmente: é um cara amigo. Esteve em minha casa (ele e sua esposa). Ele é uma expressão das virtudes do povo norte-americano. Claro, eles não podem, evidentemente, carregar toda a humanidade; mas as conquistas deles representaram muitos benefícios para a humanidade. Mas, na verdade, o Poder dos Estados Unidos usa essas conquistas para oprimir. Inaugurada agora uma situação perigosa. (Janeiro de 2003)

Quando houve aquela expulsão minha do Uruguai, eu dei aquela jogada. Digo: bom, eu vou... o Presidente Carter fala tanto em direitos humanos, quem sabe dos meus direitos? Estou sendo expulso aqui do Uruguai injustamente. Vou perguntar se ele me aceita nos Estados Unidos. Prossegui aquela jogada e ele me mandou dizer que eu fosse.

Tanto que agora, na convenção do Partido Democrata (esta agora que houve há 10 dias), ele (Carter) teve uma intervenção e falou sobre o plano Condor – esse de assassinar chefes de estado e políticos. E ele se referiu aos esforços que ele tinha feito, no governo dos Estados Unidos, para salvar a minha vida. Ele me citou pessoalmente. Agora há dez dias. Sobre que ele sabia das coisas. Por isto ele me autorizou a ir.

(31 de agosto de 2000)



Danilo Groff et alia

Vamos trazer a nossa companheira Alzira Leite para cá. Isto aí é uma... Olha, eu me lembro: desde que cheguei aqui, vindo do exílio... Bom, então aí está a nossa companheira Alzira firme; naquele tempo lá daquele hotel (qual é o nome daquele hotel?...) – Everest!

Sabe que eu cheguei aqui e me convidaram para ir para lá. Tinha um esqueminha... Eu vi que tinha um esqueminha ali... lá no hotel. Eu, que não sou pobre orgulhoso: eu vou para aí! Fiquei lá. E eu fui me demorando, contra a expectativa daquele pessoal ali. Fui me demorando... Fui me demorando... E notei que eles estavam achando demais. Me ofereceram... Pensavam que eram três dias, quatro dias... E eu: dez dias, quinze dias, vinte dias, um mês... E juntar gente por ali, compreendeu? Eu notei a incomodidade daquele pessoal... É... E Alzira era uma frequentadora...

Até que um dia apareceu uma bomba (disseram que era uma bomba...) no meu andar. Quase sob a minha porta. E estava lá o Danilo [Groff], "que tinha uma bomba"... (se lembra?). Aí, o Trajano foi quem agarrou a bomba e botou no elevador e baixou a bomba. Levaram lá para a praia, botaram na água, não sei o quê... Eu acho que não era nada. Aquilo tudo ali é um negócio para nos assustar.

De modo que nós, desde aquela época, fixamos alguns companheiros e algumas fisionomias que vieram daquele momento ali: difícil. Mas foi um momento! (27 de novembro de 2001)



Eça de Queiroz

Agora, está havendo uma reunião. Essas reuniões dependem, às vezes, de uma negociação básica – não significam nada, por si mesmas. É uma reunião que está se realizando em Florença, na Itália: com seu Primeiro-Ministro italiano, como é natural; com Leonel Jospin, da França, que também pertence à Internacional. E lá está o Clinton, Presidente americano. Está o Tony Blair, da Inglaterra. Pertence à Internacional.

E foi lá o nosso amigo Fernando Henrique, nesta reunião. Mas não tem nada que ver com a Internacional Socialista esta reunião: é uma reunião de chefes de Estado.

(...) Agora, ele falava inglês, falava francês, falava italiano, falava espanhol... Isto nos traz à lembrança, uma passagem do Eça de Queiroz, que concluía dizendo: "*poliglota não é patriota*". Porque ele passa a ter uma convivência com os vocábulos, com as palavras, com as expressões, com os pensamentos dos países de fora (os grandes países dominantes têm as suas regras); e passa, de certa forma, a pensar também naqueles idiomas. E ele deixa de ser nacional, de ser brasileiro.

Eu, falando com o português Antonio Gutierrez (que também fala inglês, fala francês e espanhol), eu disse para ele (ele é muito meu amigo): olha, cuidado com a passagem do Eça. Cuidado.



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Aí, disse ele o seguinte: “Olha, mas eu penso em português. Eu penso em português”, disse logo: “A minha capacidade é de traduzir rapidamente; meu pensamento, meu raciocínio é em português”.

Isto você garante? – perguntei.

– “Garanto”.

(22 de novembro de 1999)



Francisco Julião

O movimento sem-terra nasceu conosco: chamava-se Master – Movimento dos Agricultores Sem-Terra. O primeiro acampamento de sem-terra reivindicando terra – com cinco, seis, oito, nove mil pessoas – foi feito por nós. Fomos desenvolvendo amplamente, quando o Julião, lá em Pernambuco, organizava as Ligas Camponesas. Mas, aquela humanidade era outra: era a própria miséria; eram massas esfomeadas.

Então, há poucos dias, eu me deparei com um livro (um livro-reportagem sobre aqueles tempos), muito interessante, mostrando o que estava ocorrendo naquela época, lá no Rio Grande do Sul. Que fotografias elucidativas! Então, isto que ocorreu conosco foi uma evolução natural.

Daí a responsabilidade que temos, em relação à nossa consciência. Não quer dizer que o Trabalhismo, para ser autêntico, precisaria que cada um de nós sáísse daqui fosse trabalhar numa fábrica, fosse trabalhar ali – compreendeu? – numa lavoura; fosse, enfim, para atividades manuais modestas, simples; fosse vender até loteria. Não quero dizer isto.

(19 de abril de 2001)

Tivemos que associar os agricultores sem-terra para poder ter apoio. Desenvolver o sociativismo no meio deles. E começamos não a invadir, porque o invadir, numa dessas, pode ser contra. Invadir assusta até o pequenininho, que tem um pedacinho de terra, que tem que estar junto. O invadir assusta.

Então, nós não invadiamos: nós ficamos na cerca, no alambrado. Não cruzamos o alambrado, mas ficamos no alambrado. E inventamos os acampamentos. E criamos acampamentos. Criamos acampamentos: três, quatro, cinco, oito, dez mil pessoas. Então, isto aí foi o que nós criamos.

E o Julião no nordeste. Lá, no nordeste, o Julião: um outro caminho. Ele criou as Ligas Camponesas. Era um outro caminho. Que dava uma ideia de “*cuidado lá, que vão fazer guerrilha... vão fazer guerrilha*”. Ele associava o pessoal nas ligas camponesas. Foram dois movimentos 100% autênticos. (19 de junho de 1999)



Grande Bazar de Istambul

E a SAARA? A SAARA [Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega] é um shopping a céu aberto!... É um shopping a céu aberto. Qualquer dia, vão fechar, não é? Vamos arrumar, compreendeu? Vai surgindo... Vai surgindo uma ideia, não é?

É... Não é verdade? Eu me recordo, por exemplo, do seguinte: eu cheguei a ver uma parte do Grande Bazar de Istambul aberta. Estive lá, uma vez, de passagem, e vi. Agora, está todo fechado o grande bazar de Istambul. É um negócio que vai pra cá, vai pra lá... vai pra cá, vai pra lá... Milhares! Milhares! Eu não sei se são 12 mil, 15 mil lojas ali.

Então, o grande bazar está fechado... Chove, não tem nada... Está cheio de bares de cafés, restaurantes. É um passeio... É um passeio: não há turista que vá a Istambul que não vá ver o grande bazar.

Então, o que acontece? Assim também a SAARA: vai indo, vai evoluindo... numa dessas nós estamos – não é verdade? – galerias fechadas, coisa e tal... Mas... já, pela comunidade, por ser uma comunidade que esta aqui reunida. Tem tudo. Você quer fazer compra? Vem para a SAARA. Choveu: tem que esperar a chuva passar...

Mas a verdade é que se depende dessas dificuldades que estão, justamente, caindo sobre os lojistas – que está em Copacabana, está em Ipanema, está por toda parte. Os shoppings estão liquidando com eles. Shopping é um avanço. Como não é um avanço? É. Então, a gente tem que ver...

É como o supermercado, não é verdade? O supermercado acabou com o armazeneiro praticamente. Mas nós temos que cuidar, porque isto faz parte da nossa cultura, faz parte também da estrutura social, o armazeneiro, não é verdade? Então, vêm os pequenos supermercados... (Entrevista à Rádio SAARA, em 30 de setembro de 2000)



Horóscopo

Nestes dias, eu li um horóscopo... [Entre muitos risos, uma voz feminina: *O senhor gosta de ler horóscopo?*] Quem não lê?... Você não lê? [*Não...*] Você está perdendo... Têm alguns que são meio chatos. Mas, eu, podendo... Eu não ando a procura, mas eu, podendo, vejo ali.

Eu sou aquariano, e vejo ali. Encontrei um que dizia assim: “Não tenha inibição. Assuma aquilo que você considera que merece; que você fez, que você considera que fez de bom”. Eu pensei: esta é uma boa – vou assumir!...

Fui verificar. Não existe – nunca existiu no mundo – alguém que fizesse tantas escolas quanto eu. Eu fiz umas oito mil. Eu não estou mentindo. Eu não tenho é a conta bem certinha. Lá, eu fiz 6.300 escolas. Claro que a maioria é pequena – são escolas rurais, pequenas. Um chalezinho de madeira. Mas fiz.

Então, eu digo o seguinte: eu trago esta experiência. Acho que fui bom administrador. Muito aquém das necessidades exigidas, muito daquilo que podia ser. Eu criei o 13º salário [no Governo do Estado do Rio de Janeiro]. (20 de setembro de 2000)



Índio

Então, nós queremos introduzir, nesta sala, aquele que é o símbolo para nós dos nossos compromissos com os nossos irmãos indígenas, que é o companheiro Mário Juruna; deputado Mário Juruna.

Segundo a situação que ele se encontrava, ele foi um grande deputado. Muitos aqui não se recordam ou não sabem, mas o nosso Partido cultivou um princípio que é o de – independente da inscrição no Partido – de dar voz a quem não tem voz. É um dos deveres do nosso Partido.

O Juruna, quando veio para ser deputado, nós colocamos esta condição para ele: você vem, vai competir; você vai se beneficiar da legenda do Partido, do coeficiente eleitoral do Partido. Mas – uma vez eleito, uma vez que você assuma, ser declarado deputado, representante do povo brasileiro – o Partido vai o liberar. Se você quiser contribuir para outro partido; se não quiser não contribua. Segundo: se você quiser se afastar do Partido, ser um deputado independente e livre, pode ir. Porque o dever do Partido é o que estamos cumprindo: é o de dar voz a quem não tem voz.

Ele agradeceu, e tudo mais... Passaram-se alguns dias, ele nos procurou para me dizer: “Brizóia (ele me chamava de Brizóia; agora ele me chama direito), eu resolvi contribuir com o Partido; segundo, eu não quero sair do Partido; quero ficar no Partido”. E ele ficou. (19 de abril de 2001)



José Vecchio

(...) E nós acabamos ficando lá com eles, no final daquela passeata. E eles estavam organizando. Era justamente a comissão do Partido Trabalhista Brasileiro. Ali nos identificamos, e ali ficamos com eles. Havia um líder sindical chamado José Vecchio, pai de uma companheira militante do Movimento de Mulheres – companheira Miguelina.

E nós nos ligamos a eles; e ali começou a surgir o partido no Rio Grande do Sul. Recordo-me: fomos incumbidos de organizar a juventude, que se chamava Ala Moça. Dali a pouco apareceram umas companheiras, que foram incumbidas de organizar a Ala Feminina (chamava-se Ala Feminina).

E o fato é que aí começou o desenvolvimento do nosso partido no Rio Grande do Sul. Foi organizado com Vargas retirado, isolado. Ao contrário de: “*não... ele organizou dois partidos para manobrar com um e com outro*”. Não tem nada disso. Rigorosamente, não! Isso é uma inverdade. Isso é uma interpretação inverídica da história. O Partido Trabalhista Brasileiro se organizou fora de governo; se organizou vivendo dificuldades e insuficiências.

Eu fiz parte daqueles vinte ou trinta que saíram e organizaram o partido, lá no nosso Estado; como, aqui, outros grupos; em outros estados, outros grupos também. Mas lá nós vivíamos grandes dificuldades.

Por exemplo, nós fomos à cidade do Rio Grande, que é uma cidade portuária. Fomos lá, numa camionete velha – uma jabureca, compreendeu? – na estrada. Chegamos, fomos lá para uma pensão. Levávamos o nome de um político que era... que batia nos peitos lá como era um grande getulista (mas estava nesse partido que se organizou à sombra de Getúlio; mas já tinha se ligado ao Dutra).

Então, fomos falar com ele. Eu me lembro como hoje. Eu e aqueles líderes sindicais e mais alguns companheiros da classe média. Ele disse: “*Olha, mas vocês... cuidado, não dividam (assim como fez o MDB, depois); não dividam; é melhor que fique tudo junto. Eu não posso fazer nada, porque o Getúlio não mandou me dizer nada. Então, eu só aconselho a vocês que não dividam*”.

Não conseguimos nada. Saímos de lá, e o Vecchio diz: “É, com esse não resolvemos nada”. Fomos para a pensão, almoçamos, conversamos; e diz o Vecchio: “Olha, sabe de uma coisa? Vamos convidar esse pessoal todo por aí para fazer uma reunião, de noite, lá na praça; e vamos organizar o partido lá; vamos ver quem é que vem, e quem não vem”.

E disse: “Olha, Leopoldo Machado, tu pegas o Brizola aí e vai lá para o porto; fulano de tal, pega o Vilson Vargas e vai lá para tal vila; outro vai para cá, vai para lá...”.

Fizemos uns cinco ou seis grupos e saímos. Sem alto-falante, sem nada; sem condução: nós pegamos um bondezinho que ia assim ó... ia assim. Fomos para o porto. Chegamos lá, o pessoal estava ali por entrar para o trabalho. Era um dia frio de inverno. Tinham uns grupos comendo tangerina aqui, tangerina ali; tomando sol.

E o Leopoldo Machado disse: “Leonel, sobe ali naquele muro e manda brasa aí. E eu vou levando um, levando outro para ali”. Eu não tive dúvida. Subi, me agarrei naquelas grades, e comecei: *Trabalhadores do Rio Grande, estão traindo o Presidente Vargas; esse governo que está aí é um governo de traição ao Presidente Vargas. Essa gente do PSD...*

E aquele pessoal olhando... Na cabeça deles... veio vindo, veio vindo. Dali a um pouco, tinham uns quarenta ali me ouvindo, compreendeu? – *E nós vamos realizar um comício hoje, lá na praça tal, assim, assim para organizar o Partido Trabalhista, que vai ser o partido que vai dar respaldo à volta do Presidente Vargas ao governo*. Dali a pouco já veio mais gente.

Dali a pouco, Leopoldo Machado disse: “Desce, Leonel. Subo eu, agora”.

Falava com um palito na boca. Ele falava... Era um velho gordo e baixo; e falava com um palito na boca. Era padeiro. Ele era padeiro. Sindicato dos Padeiros. Olha, seguiu... (25 de maio de 2000)



Leonel Rocha

(...) Conseguiu uma pacificação, de que o senhor Borges de Medeiros ia terminar aquele período e não se candidataria mais. Isto foi feito. Mesmo assim, morreu muita gente. Inclusive o meu pai.

Isto deve ter sido uma influência na formação dos meus neurônios, não é?... das ideias.

Eu tinha até um outro nome. Meu pai dava aos filhos um nome indígena, e o meu era Itagiba. Mas como ele servia com um outro camponês da zona... Meu pai era um camponês que tinha uma posse. Era, a rigor, um sem-terra, porque ele tinha uma posse. Depois, até minha mãe perdeu aquele lugar.

O chefe do grupo dele se chamava Leonel Rocha. Então, eu achava que era... tinha aquele fascínio de imitar o Leonel Rocha. Então, acabei sendo chamado de Leonel. E eu fui ficando Leonel.

Bem, minha família tinha uma tradição católica, mas naquela região não tinha padre, não tinha médico, não tinha professor, não tinha nada. Tinham umas pessoas que rezavam. Então, umas vezes se reunia o pessoal para rezar.

Bem, as coisas foram evoluindo, e eu, já adolescente, tive o ensejo de ser acolhido por um casal maravilhoso, que há pouco foi referido aqui – ele Isidoro Pereira, e dona Elvira. Ela, uma moça preparada: tinha curso de música...

E eu, que tinha andado por aquela cidadezinha... colégio, grupo escolar... Eu tinha voltado, sem saber para aonde ia, e pelas relações de amizade naquele pequeno lugar, consegui ser levado a este casal com a minha mãe, que iria dar um culto ali nas segundas-feiras.

Era um casal sem filhos, recém-casado, fui morar com eles.



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Eu era uma espécie de rei dos moleques lá. Eu tinha meus onze anos. Eles, então, tomaram a si a tarefa de me reformar. Foram maravilhosos comigo. Estou fazendo este parêntese para contar este detalhe para vocês.

Não havia empregados na casa. Um sobradinho, a igreja embaixo. Então, é o seguinte: eu ajudava, evidentemente, em tudo, mas da seguinte maneira: quando ela lavava a louça ou as panelas, eu enxugava; quando eu lavava, ela enxugava; quando tinha que lavar o soalho, ela lavava junto; quando tínhamos que lavar a igreja, eu tinha ela junto comigo.

Então, eu, por exemplo, nunca tinha escovado os dentes. E eles trataram de comprar uma escova para mim, e pasta. Um dia, ele estava fazendo a barba. Naquele tempo, se usava uma bacia (de água encanada). Ele estava ali fazendo a barba; e aí disse:

– “Leonel, você viu esta pasta nova que eu comprei?”.

Eu disse, vi.

– “Lê para nós, para ver o que diz aí”.

Então eu li pasta Kolinos, não sei o quê... ponha um centímetro sobre a escova... e aí escova os dentes e tal...

– “Um centímetro? Como será um centímetro? Traz a régua. Não tem a tua régua lá? Traz a tua régua, que eu quero ver como é um centímetro. Bota na minha escova um centímetro”.

E eu botei um centímetro, medido, na escova dele. E eu vi logo a minha escova, do lado, que eu tinha assim ó [fez o gesto explicativo]. Ele não me disse uma palavra. Nada! Nunca...

E eu, que era acostumado na violência, menino, na rua... Nessa época, antes de ir para a casa deles, eu carregava mala na estação, eu engraxava sapato, eu vendia jornal; e andava no grupo, com a gurizada toda.

...Então, ele me botou ali, com esta suavidade. Aí, começou uma transformação.

Eu sei que é grato – saber deste detalhe – para vocês. (19 de setembro de 2000)



Marcondes Filho

Já havia uma decisão em torno de uma reconstrução democrática. Os partidos se organizavam. O partido que se organizou no governo foi o Partido Social Democrático, o PSD. Praticamente foi a máquina do governo: os ministros eram da comissão executiva nacional; os governadores (os interventores estaduais), presidentes, dirigentes, com seu secretariado, do PSD nos estados; e os interventores municipais, os presidentes e dirigentes do partido oficial nos municípios.

E os sindicatos, que surgiram nos tempos de Vargas, com toda força? E as lideranças populares? Então, reservaram um departamento neste partido: era o Departamento Trabalhista. O Ministro do Trabalho era um jovem advogado trabalhista de São Paulo, Marcondes Filho. Então, convidaram Marcondes Filho para dirigir o departamento.

Vargas, praticamente, já vivia um momento de conflito com aquele quadro, porque o partido, embora se chamasse Partido Social Democrático, era de essência conservadora. Essência conservadora. Ele não estava satisfeito, mas era de seu temperamento não estar criando problemas.

E as massas populares começaram a reagir contra tudo aquilo. Criou-se um movimento chamado ‘Queremismo’ – queremos Getúlio; queremos uma constituinte com Getúlio.

Pouco antes das eleições, naquele ambiente, os sindicatos, que organizaram associações com finalidade de eleger um ou outro deputado, manifestaram ao Ministro do Trabalho o seu inconformismo com aquele quadro – que era uma disputa entre conservadores. Os trabalhadores praticamente estavam aprisionados, com aquela situação.

Ouve uma reunião no Ministério do Trabalho, com os círculos sindicais, e decidiram lançar um partido. E foi lançado pelo Ministro do Trabalho, Marcondes Filho, em discordância da posição do governo.

Vejam bem: em discordância da posição do governo. Vargas consultado, disse “*bem, vocês sigam a inspiração de vocês*”. E foi lançado, então, aí o Partido Trabalhista Brasileiro. Creio que 30 dias antes das eleições (ou 60 dias...).

Então, o que acontece? Marcondes Filho foi eleito com o Presidente Vargas senadores por São Paulo. E foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul também o Presidente Vargas. [Nesta época, podia-se concorrer por vários estados]

Não demorou muito, morre Marcondes Filho. E fomos andando, naquele ambiente de restrição. Mas contando com o povo. Ai, começamos por toda parte. (25 de maio de 2000)



Natureza – Meio ambiente

O espírito do Rio – A Rio-92, hoje, já merece outro nome: O Encontro da Esperança. Até o fim desta semana, atingirá seu ponto mais alto, com a presença de cerca de 120 Chefes de Estado. Estarão juntos os responsáveis pelas mais importantes decisões sobre os destinos do mundo para uma reflexão sobre o que precisamos fazer em defesa da vida, frente aos impasses que se avolumam diante de toda a humanidade, pobres ou ricos. Ou assumimos uma atitude diante da degradação crescente do meio ambiente, especialmente daquilo que fazemos contra o próprio ser humano, ou afundaremos no martírio da destruição da natureza e de nossa própria espécie.

2 – Em verdade, estão ocorrendo duas conferências, lado a lado, simultâneas. Uma, oficial, de representantes dos governos de quase todas as nações do mundo. Outra, informal, quase inorgânica, de instituições e personalidades que vêm de todos os lugares. Trazem suas ideias, suas propostas, seus depoimentos, suas inquietações. As duas conferências se completam e, de certa forma, estabelecem um ambiente de legitimidade para as resoluções que vierem a surgir.

3 – O Brasil vive o privilégio e a honra de ser anfitrião da maior conferência internacional até hoje realizada. Ao Governo brasileiro, como se sabe, cabe, além de representar nosso País, a coordenação de todo o conjunto de providências e serviços necessários, inclusive os de competência do Estado e do Município, para que este colossal evento venha a se realizar de forma eficiente e organizada. Felizmente, a União, o Estado, o Município e as instituições locais atuaram em perfeita sintonia e entrosamento. Penso que estamos oferecendo aos visitantes o melhor de nossos esforços. Intrigas e explorações a parte, não procuramos, de nenhuma forma, pôr para baixo do tapete nossos problemas e realidades. Não houve nenhuma retirada especial de mendigos ou de crianças, como pretendem infundir.

4 – No campo da segurança ostensiva sim, tudo tomou uma dimensão muito maior, com a presença das Forças Armadas, em função da presença de Chefes de Estado e de um enorme número de pessoas e delegações estrangeiras. As preocupações, neste caso, vão muito além da segurança comum. O Rio não poderia servir de cenário a sabotagens, terrorismo ou outros tipos de atentados estranhos à nossa realidade. A população está consciente de que passará por alguns transtornos, principalmente em matéria de trânsito, nos dias em que estiverem circulando cerca de 120 chefes de Estado. É um tributo que cabe a todos nós, em função das responsabilidades que assumimos. O Rio sairá engrandecido e colherá, durante muitos anos, os frutos de sua dedicação e hospitalidade.

5 – Agora, uma pergunta: será que não conseguiremos sensibilizar nossos milhares de visitantes para a ideia de que o Rio de Janeiro viesse a se tornar um símbolo, uma espécie de síntese, modelo, exemplo de ação e de mudança, em suma, dos esforços que precisamos em todo o mundo para recuperar o que a humanidade destruiu e perdeu em relação ao meio ambiente?

6 – E porque esta ideia é coerente e factível? Vejam: primeiro, porque o Rio de Janeiro é um dos lugares mais belos e favoráveis à vida humana de todo o mundo. Aqui, quase todas as belezas naturais se encontram: mar e montanhas, planícies, praias e florestas, litoral entrecortado por baías, clima tropical ameno e de altitude, chuvas regulares.

7 – Por que nenhuma grande cidade do mundo conservou e reconstituiu, dentro de si, como seu coração, uma floresta natural, do porte da Floresta da Tijuca? É quase um milagre. Há ainda mais duas áreas de mata atlântica, algumas vezes maiores que a da Tijuca, em dois grandes maciços – o da Pedra Branca e do Mendanha – em plena região metropolitana, cujos projetos de demarcação estão em andamento.

8 – Por que os quase 10 milhões de habitantes do Grande Rio estão assumindo rapidamente um alto nível de consciência, como em poucos lugares do mundo, em matéria de defesa e recuperação do meio ambiente. Sobretudo, em relação à ideia fundamental de que a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento dependem essencialmente do ser humano e a ele se destinam. Por conseguinte, do primado da educação sobre todas as demais atividades. Tanto é assim que, em lugar nenhum do mundo se põe em marcha um programa educacional, com apoio da população, da dimensão e da coerência do programa dos CIEPs e dos CIACs.

9 – Enfim, a mudança de consciência que a Rio-92 está operando, algo que o próprio Secretário-Geral da ONU, Boutros Ghali, definiu como o *espírito do Rio*, nos dá o direito de imaginar que, daqui a uma ou duas décadas, os nossos filhos e netos possam ver a Terceira Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento orientar-se, então, pelo

exemplo do Rio, como prova de que é possível salvar o futuro das cidades e a qualidade de vida em todo mundo.
(7 de junho de 1992)

Amazônia – Não há dúvida de que, de algum tempo para cá, muitos perigos passaram a rondar a Amazônia. O povo brasileiro há muito adquiriu esta consciência. As elites e classes dirigentes do País a desdenhavam, dizendo que eram patriotadas, sem razão de ser. Agora, aí estão os fatos concretos. Felizmente, as Forças Armadas, pela voz de seus dirigentes, oficializaram sua posição perante o Governo que, com expressão do poder civil, vinha claudicando neste tema. As preocupações e propostas das Forças Armadas merecem a solidariedade do povo brasileiro. Bases norte-americanas na América do Sul representam, sem sombra de dúvida, uma investida expansionista de dominação inaceitável. Guantánamos ou Panamá sobre a Amazônia ou qualquer região da América do Sul, decididamente, não!
(15 de agosto de 1993)



Osório, general Manuel Luís Osório

Agora, bonita foi uma história que ocorreu comigo aqui. Quando eu cheguei aqui, de volta do exílio, naquelas primeiras andanças, que eu vim a ser candidato a governador, eu fui interpelado em alguns lugares:

– Como é que o senhor, gaúcho, vem se meter aqui no Rio de Janeiro?... Governador... Que intenção é essa de vir nos governar?

Eu já tinha – compreendeu? – no bolso preparadinha a resposta. Eu fui descobrir, na história do Rio Grande do Sul, que o primeiro governador eleito do Rio Grande do Sul era um fluminense. Foi na Revolução Farroupilha.

Porque, no fundo, aqueles chefes ali, vários deles eram oficiais das Forças Armadas federais, que eram muito desestruturadas naquele tempo. Um homem como Osório (ele e Caxias foram as maiores personalidades do Exército), por exemplo, não tinha escola militar. Ele foi feito a machado, compreendeu como é? Foi feito na luta. Aos 16 anos ele sentou praça; e foi subindo, subindo, subindo, subindo, no lombo do cavalo, que acabou se tornando...

O que tem ocorrido comigo é – em regra; salvo algumas exceções no início dos meus primeiros passos – que eu nunca fui candidato porque quis; que eu aspirei ser candidato.

Então, quando na minha volta, eu vim caminhando, procurando um lugar que fosse, sob o ponto de vista geopolítico, mais conveniente para eu me instalar. Eu tive esta feliz inspiração de me instalar no Rio de Janeiro. Eu digo, bom, aqui eu conto. Repercuta tanto tudo que se faz no Rio de Janeiro. Isto aqui é uma espécie de tambor. E eu fui tratando de reorganizar o Partido, com base no Rio de Janeiro.

Eu tinha aqui um histórico, não é? Aquela página de bronze, que foi a Legalidade: foi uma coisa excepcional. Não por mim, mas pelo seu sentido sociológico e histórico. Foi o único caso na América Latina, onde num país grande houve um golpe instalado, com os três ministros entendidos, com as Forças Armadas aparentemente unidas, e os governadores, em geral (principalmente os principais: Minas, São Paulo e Rio) apoiando o golpe. E surgiu uma reação civil que acaba – pelo menos naqueles primeiros tempos – vitoriosa.

Então, aquele episódio teve uma repercussão muito grande no Rio de Janeiro. Isto me fez avaliar também o nível de consciência política desta população aqui. Tanto que eu fui candidato a deputado. Foi em setembro; princípio de setembro. Quando foi em outubro eu fui candidato a deputado aqui (outubro, novembro). Eu tive uma votação...
(7 de agosto de 2000)



Partido de massa

Eu tenho fé em tudo que vai acontecer. Tenho fé no papel do nosso Partido. Nosso Partido é um partido de massa. Se nós não tivermos esta compreensão...

Não é massa no sentido que nós estejamos por aí andando com as massas, fazendo concentração aqui e ali... Não. Não. Estou conceituando um partido de massa. Um partido de massa é aquele que está, em primeiro lugar, comprometido com o nosso povo, comprometido com o nosso povo. E que considera é que ali é que estão depositados os verdadeiros valores da nossa pátria.



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Na hora da guerra, são eles que nós vamos buscar. E a organização de um partido de massa é sempre precária. Nós somos muito diferentes de um banco. Banco não é de massa. Banco é estado. Nós somos desorganizados por natureza.

A nossa organização é toda baseada em lideranças. Quando há num bairro, num município, num estado, numa região num líder eficiente, capaz, honesto com a população, que corresponda àquilo que necessita uma causa como a nós, pode estar certo: o Partido funciona. E vence. Agora, aonde pode estar muito bem organizado, burocraticamente, no fundo, ali, é uma sigla aonde todo mundo quer mandar e ninguém obedece.

Nosso Partido é um partido de lideranças. Liderança não quer dizer mandonismo. Uma liderança autêntica cria um ambiente de liberdade, de democracia para a convivência interna do partido, como a convivência do partido com a sociedade, com o conjunto da população; muito mais do que uma burocracia partidária, aparentemente.

Lideranças responsáveis por toda parte do país: esta que é a base do nosso Partido. Sempre que numa região perdemos uma liderança, perdemos até as eleições.

Eu acho que, sob este aspecto, nós podemos, às vezes, viver momentos difíceis, momentos desconfortáveis, voar baixo; mas depois, recuperamos. Quer momento mais desafortunado do que foi o da ditadura?

Eles afirmavam e proclamavam; metiam o dedo na cara dos nossos companheiros e diziam: *“esse Jango, esse Brizola? Tirem isso da cabeça, porque eles nunca mais vão pisar por aqui. Nosso Jango não pisou, porque morreu lá fora, mas a coisa que mais desejava era voltar”*.

Isto que eles diziam não aconteceu: nós voltamos. E estamos aí. E eles sabem que nós sabemos. Eles têm certeza que nós sabemos e estamos nos cuidando sempre. E eles sabem que, numa dessas, um partido de massa ressurgue e vem.

(19 de abril de 2001)



Quinta Internacional

(...) Há um movimento no mundo, de uma esquerda que está meio desorientada. Depois que a União Soviética se afundou, tem muitos grupos pelo mundo desorientado, que sonham fundar a Quinta Internacional.

Houve a Primeira Internacional. Depois, a Segunda Internacional, que é a Internacional Socialista: a que nós pertencemos, claro. Que está muito burocratizada, está muito conservadora, está muito... Olha, às vezes a gente prova e vê que é até uma coisa que a gente não gosta.

Estão no governo! Estão no governo nesses países todos na Europa, praticamente. Então, viram um governismo ali, se tornam muito oficialistas. Foi o que aconteceu conosco aqui: quando ganhamos a eleição nós ficamos governistas e o Partido se esvaziou. Então isso está acontecendo com a Internacional Socialista.

Depois, veio a Terceira Internacional, que foi a do Lênin e do Stalin. O Stalin pegou a Terceira e apertou. Depois veio a Quarta, que não pegou. Foi uma iniciativa fraca. Então, dizem que agora estão procurando construir uma quinta. Então, esses grupos [brasileiros] podem ser que se integrem por aí.

Eu acho que a Quinta vai ter uma natureza de democracia cristã: vai ser mais sob controle da Igreja Católica. Aqui. Que é isso aí.

Uma vez o PT me pediu para apadrinhar o ingresso deles na Internacional. Eu fui, fiz força. Por escrito, até. Vocês sabem que eu não consegui. Fui à Segunda Internacional, e eles disseram assim:

– “Olha, Brizola, tenho muita boa-vontade, mas o PT é um partido da Igreja Católica. Nós sabemos. E nós temos uma diferença, que vem da História, com o problema da Igreja. Nós defendemos a ideia de que não pode haver religião oficial; e eles vinham com este princípio em cima de nós”. (4 de fevereiro de 2002)



Royalties do petróleo

Royalties da vergonha – Esta luta do povo do Rio de Janeiro em torno dos royalties do petróleo daria para escrever uma novela. Duas leis foram aprovadas pelo Congresso nestes dois anos. A mais recente contou com o acordo geral. O Presidente Sarney, Ministros e até unanimidade no Congresso. Assim mesmo, introduziram um substitutivo no Senado para exaltar o Senador Carneiro. E uma emenda da maioria PMDB–PFL, transferindo a vigência da lei para o segundo semestre deste ano. O Presidente Sarney vetou este adiamento e veio a Campos promulgar, em praça pública, a lei dos royalties, no dia 27 de setembro último. Discursou solenemente, tornando-se, na impressão de todos, o guardião daquelas conquistas e direitos do povo fluminense... A lei entrou em vigor em 1º de janeiro e o primeiro pagamento deveria se verificar a 2 de abril. Neste dia, fomos a Petrobras receber o dinheiro, e nada. Tudo dependia de Brasília. Agora – passados quatro meses –, resolveu o Presidente Sarney regulamentar a lei com outra lei, pendente, outra vez, de aprovação do Congresso. Será a terceira lei, a qual, por sua vez, inclui novas exigências, inclusive a de que precisa também ser regulamentada. É incrível! Nem mesmo uma criança deixa de entender que tudo isto está eivado da mais mesquinha politicagem. Pura protelação para evitar que o Governo Leonel Brizola venha a receber estes recursos. O que é triste e deplorável é que, nesta sanha de perseguir e cercear o Governo do Estado do Rio de Janeiro, desconsidere, sem nenhum escrúpulo, os superiores interesses do nosso Estado, já tão atingido pela discriminação. Vamos ver, agora, o desempenho das chamadas "forças vivas" de nosso Estado – aqueles que tanto cobram e reclamam do meu Governo. Os meus "amigos" das *Organizações Globo* nem piaram. Esta questão dos royalties presta-se muito bem para o julgamento da população, que é sempre honesto e honrado. (9 de maio de 1986)



Salvador Fernandes

(...) A preferência pelos CIEPs é uma questão de futuro; é importante. Não há dúvida de que o problema...

Eu tive uma conversa com o companheiro Hésio Cordeiro. Ele está demissionário. E ele me disse que reconhece que a situação lá tem se apresentado extremamente difícil. E ele – um ser humano, realmente, superior; um homem...

– *"Reconheço que devo me afastar"*.

Esta superioridade que muita gente não tem:

– *"Reconheço que não é para mim aquilo lá; eu fiz tudo que podia, na minha natureza; e eu resolvi sair de lá"*.

Então, este problema está em pauta. Porque, no setor dos CIEPs, eu falei, ainda, com a dona Tatiana [Memória], porque a Fundação Darcy Ribeiro fez um convênio com a Secretaria para auxiliar neste programa. Eu não falei com ela para fazer um balanço; mas, agora, nós vamos dar. Tanto que eu queria que algumas iniciativas surgissem aqui neste Diretório. Nós poderíamos constituir aqui uma comissão para entrar no levantamento dos CIEPs.

O CIEP é a nossa marca. O CIEP é a nossa marca: eu o considero. Porque, em todo período histórico da formação do Trabalho (e nós viemos ter estes anos recentes agora), o CIEP foi um projeto da maior... Está na história do Trabalho, porque este é talvez o que de melhor nós tentamos oferecer ao nosso povo e aos povos do terceiro milênio. Esta é a maior obra do Trabalho, depois da Legislação do Trabalho.

Então, eu digo o seguinte: nós temos que tratar de defender, a fundo. Defender os CIEPs é a nossa missão. O que tem que fazer? Colocar num papelzinho o nome de cada um com os telefones. Amanhã nós já vamos fazer uma convocação para conversar amanhã. Entendeu?

Eu queria dizer o seguinte: nós estamos vivendo alguns dias da maior importância. Então nós vamos... Temos que ter aqui uma ligação, a presença do Partido neste momento...

E nós estamos nessas tarefas aí. Nesta comissão dos CIEPs, nós vamos ter um trabalho intenso. Estão aqui os telefones. Nós vamos tratar de convocar essas reuniões. E já vamos dar uma tarefa ao companheiro Salvador (ao companheiro Márcio).

Márcio, perdão: eu me lembrei de Salvador, por causa do nosso Salvador Fernandes [tio de Márcio], que era um companheiro que continua no nosso pensamento.

– Estamos aqui nesta sede, graças a ele!
(24 de setembro de 1999)



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Três urnas unânimes

Eu quero saudar os companheiros de Campo Grande, os companheiros da Zona Oeste. Vocês sabem que nós temos um lugar no nosso coração para a Zona Oeste. Mas muito especial mesmo.

Vocês sabem que quando eu comecei a minha caminhada no Rio de Janeiro, ainda esta região se chamava Zona Rural; e nós achamos que se devia chamar Zona Oeste, porque era assim a definição das novas vocações.

Aqui, sempre marcamos uma presença muito importante do Trabalhismo, do nosso Partido. E a verdade é que, desde quando vivia o Presidente Getúlio Vargas, era também a Zona Oeste uma espécie de baluarte de apoio à sua política; baluarte do Trabalhismo no Rio de Janeiro.

E eu tenho a honra de dizer que sempre contei com a Zona Oeste, a ponto de que nós tivemos, em uma eleição, três urnas unânimes. Precisamente, estas três urnas unânimes foram lá em Santa Cruz. Três urnas unânimes! Olha, até os mesários, até os fiscais dos outros partidos, todos aclamaram a nossa causa. Porque, finalmente, fomos nós – trabalhistas – que emprestamos alguns fiscais aos outros partidos; fomos nós que presidimos e administramos aquela cena. A maior glória que podíamos ter foi esta: de ter três urnas por unanimidade.

Fizeram várias reportagens públicas para que todo mundo visse. Foram votos unânimes. Isto é uma coisa que não deve ter acontecido em lugar nenhum do nosso país. (26 de agosto de 2000)

Uruguai

E nós somos possuidores de alguns patrimônios; de alguns valores que nós somos depositários. E o que é importante para nós é a liderança. E não é pela pessoa da liderança. Não é pela pessoa – é um valor que passa; é um carisma que passa.

Quem vai explicar isso aí? Não sabem explicar. Os sociólogos, politicólogos estão aí até hoje discutindo isso aí e não sabem o que é.

Isto aí foi um valor que veio do Presidente Vargas, passou por João Goulart; e depois caiu nos meus ombros. Não sei explicar bem, porque isto não é uma coisa que possa passar no papel (*“Vou no cartório e passar o carisma pra ti no cartório”...*).

Minha vida vem de longe, tem coerência. Houve aquele momento da Legalidade, que foi um momento importante. Pela primeira vez um movimento civil derrubou um golpe militar que já estava instalado, instaurado. Os três ministros estavam ali já aboletados, decretando. E, no entanto, caiu aquilo tudo ali. Foi um fato muito importante. Foi tão importante que dividiu as Forças Armadas. E por um triz não saiu uma guerra civil ali. E ia ser vitoriosa, se saísse.

Então, eu também tenho isso. Se vocês observarem, têm altos e baixos nisto. Quer período mais massacrante que nós vivemos do que o da ditadura? Foram 20 anos. Aqui, só o que diziam, quando... Era proibido falar em meu nome, mas quando uma vez falava era para dizer *“está morto”*.

Um jornal de Belo Horizonte chegou a publicar uma manchete: *“Brizola louco. Foi internado no hospício”*. É... Estou dizendo... Eu fui internado lá – por um decreto – no interior do Uruguai: ser confinado num lugar determinado (internamento político).

Chegava carta, lá. Chegava carta... tudo que se podia imaginar.

Quer tempo que eu estive mais por baixo do que esse? Nunca mais voltar. E pegavam nossos amigos para judiar nas prisões. Às vezes estavam no Rio Grande do Sul, tinham certos oficiais do Exército (saber quem é? Nem eu sei quem é) botavam o dedo no nariz: *“Mas como é hipócrita esse sujeito. Você ainda tem coragem de falar no nome dele aqui”*. E quando prendiam porque iam lá no Uruguai: *“Jamais vai voltar”*.

Eu pude voltar...

(12 de fevereiro de 2001)

[Relato de Neiva Moreira]:

Me desculpem, companheiros: eu não consigo me desvencilhar da minha profissão, como o José Augusto não conseguiu; e aquele amigo falou ontem aqui, sobre a história do partido, e tal, não conseguiu. Repórter de jornal.

E o exílio? O exílio é uma coisa formidável. Estou com meu amigo Talarico! Talarico, pancada, costela quebrada e o diabo – e aqueles relatórios que ele trazia, com a maior segurança (*“anteontem, na casa de fulano de tal houve uma reunião; foi lá o coronel fulano, o general sicrano, o capitão beltrano. E as atividades contrárias”...*). Ele nos trazia informados sobre as coisas.



MOVIMENTO DE APOSENTADOS,
PENSIONISTAS
E IDOSOS



Aqui também estou vendo o Cibilis. Cibilis é um companheiro admirável. Me lembro dele de chapéu, de gravata, e tal: um caixeiro-viajante, que ia vender coisas do Uruguai e do Brasil – para nos colocar presente de tudo isso.

Me recordo, por exemplo, que um dia estava... (Vocês sabem que o Brizola passou seis anos exilado dentro do Uruguai, num lugar a 50 quilômetros de Montevidéu, obrigado pela ditadura daquele país).

O que se fez neste período – o que Brizola fez: Caparaó.

Olha, companheiros, não havia nada, neste país, que ocorresse, que não passasse pela presença nossa lá nesta vida lá em Montevidéu. Posso assegurar isto, porque conheço detalhadamente: participei de todos os acontecimentos. Nada! Tudo! Inclusive Caparaó. Caparaó foi discutida, tudo isso. Brizola nunca disse a... O Brizola nunca quis guerrilha.

Me mandou buscar lá em La Paz, pelo Mauro Santayana. Fui a Montevidéu. Quando cheguei lá, encontrei um companheiro uniformizado de guerrilheiro, no aeroporto, que disse: *“Companheiro, só você pode fazer o Brizola mudar; esse negócio virar guerrilha. O Brizola quer um negócio chamado insurreição popular militar”*.

Brizola queria levantar o Rio Grande do Sul, a partir de Bagé. Muito bem.

Então, companheiros, neste período... Nós fomos para lá. Passamos todo dia conversando, numa praia deserta. Só quem sabia da nossa presença lá era a CIA, não é?... Fotografaram a gente na praia, e tudo isso, não é?...

Brizola disse:

– Está muito bem, vamos organizar um comando pequeno: entra você, entra Dagoberto, entra fulano, entra o Betinho, o Amarantes, essa coisa toda. E se você entrar na guerrilha, eu estou em cima, apoiando tudo. Mas eu vou tentar sublevar a unidade militar e fazer uma movimentação popular no Brasil. Porque a guerrilha é uma coisa elitista, essa coisa toda... Não é da nossa história, do nosso temperamento.

Então, nós fizemos isso. O apoio a Caparaó nesta noite. E aí foi decidido pelo Rio Grande do Sul. Havia o que, Brizola? Três ou quatro mil gaúchos lá, não é? Já que nós podíamos perder o pescoço... (19 de junho de 1999)



Venezuela

Uma lição da História – Os casos dos Presidentes Collor, no Brasil, e Andrés Perez, na Venezuela, ficarão como exemplos clássicos do que vem ocorrendo com muitos governantes latino-americanos, nestes tempos em que nossos países estão submetidos a um sistema econômico de natureza colonial. Presidentes – e até ministros – que em suas trajetórias políticas conseguiram o apoio dos trabalhadores e das populações exploradas e oprimidas, invocando a causa da justiça social. Ao chegarem ao poder, investem-se da ideologia das minorias dominantes e opressoras. Assumem, então, o papel de executores frios e insensíveis das fórmulas tecnocráticas, que nada mais são senão as práticas contábeis da espoliação do povo e do País. São as receitas ditadas pelos organismos financeiros internacionais que visam a manter e aprofundar as relações de dependência e exploração.

É enorme e irresistível o fascínio que as castas mais privilegiadas exercem – com seus salões, luxos e riquezas – sobre as mentes vaidosas e elitistas da maioria dos políticos e intelectuais. Atraem-se pelo brilho e pela adulação das elites como insetos são atraídos pela luz. Depois de se colocarem, com a força de legitimidade que a esperança popular lhes concedeu, a serviço do *stablishment*, desgastam-se e são logo marcados pela população com o estigma de algozes do povo. A partir daí, por inservíveis, são desprezados e descartados – muitas vezes, em condições humilhantes – por aquelas mesmas elites a quem serviram incondicionalmente, afrontando os reais interesses da nação e menosprezando os direitos do povo, até mesmo à sua própria sobrevivência como seres humanos. (23 de maio de 1993)



Zé Kéti

Está aqui conosco uma pessoa que quero que todos saibam que está aqui (nos acompanha há muitos anos), e que nos deu a sua presença – que é o compositor Zé Kéti.

(Encerramento do Seminário 54 anos do Trabalho, em 19 de junho de 1999)